

hora”, murmuravam eles, “no entanto, o senhor pagou-lhes o mesmo que a nós que suamos o dia todo sob o sol escaldante!”

O proprietário das terras lhes respondeu, “Meus amigos, não estou sendo injusto com vocês; não estávamos de acordo quanto a um denário? Tomem suas pagas e vão. Eu decidi pagar aos últimos que chegaram o mesmo que lhes paguei. Não tenho eu o direito de fazer o que quiser com o que é meu? Por que ter inveja por eu ser generoso?”

Jesus conclui: “Assim os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos.”<sup>13</sup>

Em outras palavras, as leis do domínio exterior, objetivo, diferem das leis do domínio interior, subjetivo. Segundo as leis dos homens, nossas vitórias e nossas derrotas, nossos lucros e nossas perdas são todos computados. Mas, segundo as leis da psique, se vivemos uma vida ponderada, como Cristo viveu a sua (ainda que apenas em nossos últimos dias), é possível conseguir a redenção, isto é, podemos ser justificados e nossas perdas serão todas resgatadas de um só golpe. Como está escrito, “Aquele que me há de vingar está vivo”.<sup>14</sup>

## Experiências de quase-morte

Alguns sobreviventes de morte clínica relatam que persiste uma espécie de consciência, pelo menos durante algum tempo, depois de se terem apagado todos os sinais objetivos de vida. Nesses relatórios foram anotados alguns pontos coincidentes. Por exemplo: a consciência, tipicamente, abandona o corpo e é rapidamente impelida ao longo de um túnel escuro no fim do qual é encontrado um ente de luz. Na presença desse ser, a existência da pessoa é passada em revista com uma sensação de aceitação e de absolvição. A qualidade da sensação é positiva e o sujeito com frequência reluta em voltar ao seu corpo físico.

Os que estiveram próximos da morte como resultado de uma tentativa de suicídio, pelo contrário, relatam unanimemente experiências negativas no pós-vida. Como expressou uma mulher, “Se você deixa aqui uma alma atormentada, lá também você será uma alma atormentada”.

Outras pessoas, não-suicidas, confirmam que a morte infligida pela própria mão pesa terrivelmente contra o indivíduo, como diz Jung. Um homem que esteve clinicamente morto em consequência de um acidente fornece este comovente testemunho:

[Enquanto eu ali estava] tive a sensação de que duas coisas me eram absolutamente proibidas: matar a mim mesmo e matar a alguma pessoa... Se eu cometesse suicídio, estaria atirando de volta à face de Deus o Seu dom... Se matasse alguma outra pessoa, estaria interferindo no desígnio de Deus para com aquela pessoa.<sup>15</sup>

Jung observou igualmente: “O objetivo da vida é a realização do eu. Matando a si mesmo, você abole aquela vontade do eu que o guia através da vida até aquele objetivo eventual.”<sup>16</sup>

Evidentemente, nossa maneira de viver e de morrer tem efeitos imprevisíveis e remotos. Como disse Jung, nós não somos criaturas apenas deste momento presente mas, sim, de uma era imensa, e nossa existência se estende até a eternidade em ambas as direções: para o passado e para o futuro. Acreditar que a vida termina com a morte física constitui um preconceito racionalista imprudente.

Jesus estabelece uma distinção entre o domínio de Deus e o domínio de César. “Dar a César o que é de César; dar a Deus o que é de Deus.”<sup>17</sup> Muito sofrimento desnecessário resulta da confusão entre esses dois domínios; um exemplo disto é tomar as leis que são relevantes para o mundo objetivo, como a causalidade e a normalidade, e aplicá-las ao mundo interior. Enquanto a lei de causa e efeito mantém o equilíbrio no mundo exterior, o mundo interior é governado pela lei da sincronicidade. Isto quer dizer que as coisas que nos acontecem, se refletimos sobre elas, parecem ter sentido; os acontecimentos exteriores, particularmente quando na presença de uma emoção significativa, estão com frequência em harmonia com condições interiores do ser. Do ponto de vista da alma, é como se os acontecimentos exteriores tivessem alguma conexão secreta com a nossa vida interior.

Segundo as leis da alma, se você volta a Deus, isto é, se você se coloca de novo no caminho da individuação, mesmo que seja na hora de sua morte (e a proximidade da morte constela o Self, o arquétipo divino), haverá regozijo nos céus.

Edinger se refere enfaticamente ao mesmo ponto:

Somos um produto de todas as gerações passadas. Nós justificamos essa seqüência histórica através daquilo que somos capazes de fazer com [a nossa vida], ou, se falharmos, condenamos tudo o que levou a ela.<sup>18</sup>